

**Universidade de São Paulo**

***Ouvir as pedras:  
as palavras da Geomorfologia***

**Memorial de Livre - Docência**

**Departamento de Geografia**



**2003**

## Memória/história

Entrei no túnel do tempo e me perdi. Esqueci nomes, dias, cores. Aqui, só as sensações, o turbilhão de sentimentos que me arrasta vida atrás, as vozes que falam enquanto me apresso para que as mãos não percam o fio que apareceu de repente.

E tudo vem junto, como onda que quiser trazer-me todos os tesouros do mundo e, ao mesmo tempo, levar-me até onde jamais chegaria por meus próprios meios.

É uma onda imensa, que passa por cima e por dentro de imaginações e conhecimentos; como se, de repente, eu pudesse ver, através do opaco e do escuro, todos os lugares, pessoas e tempos.

Onda lá de dentro e de longe, pesada e traspassada de lembrança e lágrimas, raiva e alegria, angústia e promessa, tudo numa única faísca de tempo.

Como se, só agora, fizesse sentido andar pelo mundo repetindo a viagem dos antepassados atrás do pão e o sonho, malas simples com pertences justos para viagens longas e definitivas.

Há mais de um século, recém chegados à Argentina, como bens preciosos os filhos nascidos nessa terra nova e um pedaço dela para trabalhar:

que sonhos sonharam nas noites iluminadas pelo Cruzeiro nos céus do inverno?

que viagens não fizeram falando baixinho no idioma da infância e dos anos sem volta?

Assustados, sozinhos, a esperança - quem sabe - amparando o sono pesado e curto de quem vive da terra ou troca seu lugar de origem por punhados de sonhos.

Hoje, cem e mais anos depois, Internet a cabo, passaporte em dia, títulos e viagens, congressos, bancas, entrevistas, sou/estou, talvez, tão assustada e sem norte como eles estiveram.

Como eles, meu ofício é a terra; a mesma t/Terra, âncora e sustento, maravilha e medo, incógnita e resposta.

Vida,

equação sem termos, decidida no andar, o trabalho e a verdade, só com sonhos como bússola ao longo de caminhos sempre incertos.

A

*Maria e Clemente, Pedro e Carlota,  
da neta, migrante ainda,  
desde o final/começo destes séculos/milênios.*

*A meus pais,  
por tudo.  
1999 - 2003.*

## I - INTRODUÇÃO

Eu gosto de gente, de ler e de água. De alturas nem tanto, quem sabe por ter nascido às margens do Pampa e do Paraná, terra e água sem limite ou barreira, onde o vento passa sem cerimônia ou demora. Algumas montanhas, porém, me atraem: a solidão do Aconcágua, os Himalaias e as cavernas onde iogues meditam.

Pessoas, montanhas, praias, cidades e planícies combinam-se em seqüências sempre re-editadas das lembranças do meu andar no mundo. O Atlântico bate às portas de Galícia, da Patagônia e da França; o Mediterrâneo, nas costas brancas da Provença, do Egeu e das Cícladas, de Pireus e Creta; mar cor-de-vinho de Homero, que a proa do navio revela transparente.

Atlântico, de novo, no calor de Abidjan e, mais ao norte, o *sahel* em Burkina-Faso e os manguezais do Senegal. China é o platô de *loess*, o rio Amarelo e os braços sem fim da planície: casas subterrâneas, guerreiros de Xi'an, barragens afogadas. A Califórnia e Nova York; em Montréal, GÉOTOP, cinemas, esquilos e outono. Cores dos muros e das cortinas de Bologna no sol de verão, mosaicos de Ravenna, as águas do Adriático.

Mas, entre todos os lugares, há Estrasburgo e a catedral, o perfume de lavanda nos Alpes, na volta do campo no final da tarde na semana de Páscoa de 1968, no encerramento do estágio comandado por Tricart e seus assistentes. Foi ali, acredito, que a teoria virou prática na forma de uma quadrícula de carta topográfica que eu e minha colega espanhola deveríamos converter em carta geomorfológica.

Penso, também, que foi nesse momento que comecei a transpor a passagem de mão dupla entre a paixão permanente pela história dos homens e a atração pela história e mistérios da T/terra. Da Acrópole e Chartres à cadeia mesoatlântica, do império de Alexandre

à Pangéia, das invasões dos bárbaros ao Império Romano aos avanços do gelo no Pleistoceno, do *arkhitektōn* humano à *techne* da crosta.

Mais: lá começou também esta história de profissão e vida tecida ao sabor dos dias, dos erros e das descobertas, mais na intuição e no instinto que na deliberação ou o propósito. Só assim, acredito, para fazer, de um estágio de pós-graduação, o caminho de uma tese de doutoramento, ou prolongar seis meses de bolsa do Itamaraty por todos esses muitos anos no Departamento de Geografia, São Paulo, Brasil e o mundo.

## II - ARGENTINA

*[...] Estava la ciudad edificada / encima la barranca, sobre el río; /de tapias no muy altas rodeada, / segura de la fuerza del gentío de mancebos está fortificada / ... / que son diestros y bravos en la guerra / los mancebos nacidos en la tierra / [...]*

Martín del Barco Centenera (1602) *La Argentina*

Minha cidade, Santa Fé, foi fundada em 15 de novembro de 1573 por Juan de Garay, na margem do rio dos Quiloazas, afluente do Paraná. Levantado como ponto de apoio na jornada que culminaria com a segunda fundação de Buenos Aires, em 1580, o povoado não teve vida calma: enquanto Garay completava os trabalhos para a fundação de Buenos Aires, os *criollos* — filhos de espanhóis nascidos em terra sul-americana — sublevaram-se reivindicando o direito de governar em lugar dos estrangeiros. O movimento fracassou mas a data ficou estampada no brasão da cidade como homenagem ao primeiro movimento reivindicatório de governo próprio naquelas regiões.

Mudança mais radical foi motivada pela precariedade do sítio original, sujeito a inundações freqüentes que intensificavam o solapamento das escarpas fluviais e, com ele, a destruição de edifícios e quarteirões inteiros da cidade. O acesso difícil prejudicava também o comércio que, tanto quanto a cidade, enfrentava a hostilidade dos índios que ocupavam os vastos territórios vazios entre os incipientes núcleos urbanos.

O traslado urgente foi decidido em 1648, mas a mudança começou somente três anos depois e completou-se apenas em 1660, data em que a cidade, agora com o nome de Santa Fé da Vera Cruz, estava definitivamente assentada em seu sítio atual.

A segunda Santa Fé localiza-se às margens do riacho do mesmo nome, um dos tantos braços que separam as ilhas que acompanham a margem direita do Paraná, entre as cidades de Corrientes e Buenos Aires. O núcleo original foi reconstruído conforme a planta de 1573, numa estreita faixa de acumulações fluviais que separa o Paraná a leste do rio Salado do Norte a oeste, que confluem ao sul da cidade. Como consequência, os conflitos entre Santa Fé e as águas mudaram de caráter mas não de intensidade: as inundações isolam com frequência a cidade, como aconteceu este ano, e perdem-se casas, bens e vidas.

Na parte da cidade em que nasci e morei sempre, a presença do rio era inevitável: a sul e oeste, a margem baixa e inundável do porto; a leste e norte, um degrau que acompanha o fluxo rápido das águas ao longo da avenida beira-rio e dos bairros e casas de fim-de-semana que substituíram as antigas chácaras que abasteciam a cidade. Não sabia – nem importava então – a razão das diferenças: lentas ou rápidas, todas as águas corriam para o Paraná, cuja travessia de balsa foi sempre, para mim, uma aventura.

Aprendi a ler muito cedo; os livros foram, desde então, o entretenimento preferido, ao que se juntariam, mais adiante, a música e o cinema. Quadrinhos, jornais, contos e textos literários de revistas e

jornais eram, para mim, passaportes que garantiam espaço e tempo para alimentar a imaginação e desenvolver o gosto pela literatura.

Infância e adolescência transcorreram entre o colégio de freiras, onde cursei o primário e o normal entre 1941 e 1952, e as aulas de inglês e de piano. Num tempo em que a adolescência ainda não tinha sido inventada ou reconhecida, os filhos (especialmente as meninas) deviam, o mais cedo possível, virar gente grande e responsável; pouco tempo restava para distrações.

Fui longe no gosto de ler e também de escrever, gostos que muito ajudaram nas aulas de castelhano, de história e de idiomas. Havia também as ciências naturais (devidamente censuradas nas aulas de anatomia) e a geografia, onde a toponímia muitas vezes remetia a épocas e paisagens do passado. Lembro sempre dos primeiros mapas que vi antes de entrar na escola: foi em 1939, quando começou a Segunda Grande Guerra, e o jornal vespertino mostrava todo dia o deslocamento dos exércitos na Europa central.

Lá pelos dez ou onze anos, lendo a Ilíada, meu interesse pela história assumiu contornos definidos: queria ser arqueóloga, para, talvez, escavar um dia na Ásia Menor. Até então, de meu futuro imaginário faziam parte os cinco anos do curso normal e, depois, muitos outros de aulas no ensino primário, a perder de vista. De repente, outro futuro parecia possível já que, sempre em minha imaginação, para ser arqueóloga deveria antes estudar História.

Ingressei no curso normal em 1948. Professoras leigas substituíram muitas das freiras, havia livros específicos para cada disciplina e, também, espaço para perguntas e explicações. As professoras de história eram excelentes: nenhuma delas levou muito tempo para dar-se conta de meu gosto pela disciplina e saber de meus projetos; tiveram também paciência sem fim com as perguntas que fazia a toda hora.

O mesmo ocorreu com outras disciplinas, como castelhano, literatura e inglês, a ponto de ter pensado na possibilidade de, em lugar de história, seguir o curso superior em alguma das outras especialidades. Qualquer uma que escolhesse, contudo, tropeçaria com a negativa de meus pais para que estudasse fora de Santa Fé; como o instituto para formação de professores secundários ficava em Paraná, na margem oposta do rio, teria que atravessá-lo duas vezes todos os dias.

A vida escolar continuou com surpresas boas e alguns sustos rotineiros, como os que tomávamos. nas aulas de geografia do segundo e do terceiro anos, nos dias de prova escrita e nas chamadas orais. Nessas ocasiões, e com o único auxílio da rede de coordenadas, devíamos reproduzir de cor, no quadro-negro ou na folha de prova, as cadeias, maciços e cumes dos dobramentos hercinianos, o arco alpino ou as Rochosas. Nos temas de hidrografia, era a vez de desenhar as redes hidrográficas completas dos grandes rios de Europa e das



Américas, combinadas, sempre que possível, com os relevos associados...

A memorização obrigatória, claramente utilizada como meio de controlar as classes, despertava a antipatia de toda a turma, não só em relação à professora mas, em especial, pela disciplina: os conteúdos interessavam por si, pelo universo novo que deixavam entrever mas a festa terminava quando começava a chamada oral. Pouco mais adiante, contudo, percebi que o aparente "ruído" dos dados decorados ganhava sentido na hora de analisar disputas históricas de fronteiras, descobrir o papel dos fatores geográficos na organização do espaço ou, ainda, entender as diferenças entre a costa leste do Canadá e o noroeste de Europa.

No decorrer do último ano do normal, 1952, decidi cursar história em Paraná e esperava somente o final oficial do curso para fazer a inscrição e levar adiante meu projeto. Mas da noite para o dia, literalmente, meu sonho ruiu quando o jornal noticiou que a Universidade Nacional do Litoral abriria em Santa Fé, no ano seguinte, cursos para formar professores em história e geografia, e em ciências biológicas. Para meus pais era a solução adequada: minha especialização iria multiplicar-se por dois e não correria o risco de atravessar o Paraná duas vezes por dia. Foi assim que a geografia passou a fazer parte de meu futuro.

As mudanças não pararam por aí. A entrada na universidade precedeu, em poucos meses, a decisão de interromper os estudos

avançados de piano que seguia. As aulas, a procura de bibliografia para acompanhar os cursos e preparar os exames, além das substituições esporádicas em escolas primárias, ocupavam o dia e parte da noite; não havia tempo para a prática necessária. Troquei o piano por uma máquina de escrever antiga onde datilografava as apostilas para meu grupo de estudo. Quanto ao inglês, finalizei o curso no mesmo ano que concluí o normal.

Tudo era novo na universidade, a começar pelo próprio curso, do qual só conhecíamos o organizador e a grade curricular; entre os professores estavam vários docentes do instituto de Paraná e, entre os colegas, desde recém-saídos do secundário como eu até profissionais de carreira e religiosos. Entrei assim no mundo das opiniões divergentes, das escolhas múltiplas, do confronto, da dúvida e das descobertas. O ambiente fechado e cercado de interdições em que estudara até então ficou no passado sem deixar saudades. Era, em definitiva, a vez de descobrir quem eu era.

Foi então que nasceu a Lylian de hoje, literal e metaforicamente. Porque até então eu era conhecida, em casa e na escola, como a Zulma, o segundo dos três nomes desemparelhados com que meus pais batizaram-me. E assumi, sem saber das teorias junguianas, uma *persona* que tomou gosto pela troca de idéias, da liberdade para dividir seu tempo de acordo com as necessidades e demandas do estudo e da convivência com pessoas cujas histórias pessoais, experiências e gostos divergiam daqueles até então conhecidos.

Descobri também que ouvir e olhar são fascinantes fontes de aprendizado; que o saber caminha junto com o olhar crítico voltado à produção científica e cultural a nosso alcance, e às experiências colhidas nessa procura. Andando devagar por esse caminho dei-me conta que uma rede invisível crescia dentro de mim, combinando conhecimentos novos e antigos numa trama onde desenhos desconhecidos surgiam a cada dia.

Numa época em que as disciplinas hoje autônomas da geografia física não estavam — pelo menos na Argentina — ainda separadas, estudei nos manuais clássicos de geografia física, a começar por de Martonne. Com Allix aprendi a teoria das frentes polares; Holmes e Lahee abriram as portas da geologia, da geomorfologia e das técnicas e instrumentos necessários a um tipo de pesquisa que então parecia coisa de outro mundo. Nas aulas de geografia regional, e com a ajuda dos volumes da editora Omega e das notas de aula, encontrei os exemplos que ilustravam as definições e classificações aprendidas nas aulas de geografia física geral e na bibliografia.

Não dei muita sorte com os professores de história antiga e medieval: tinham boa vontade mas ficavam na burocracia da periodização e a ausência de reflexões teóricas e metodológicas mas, em compensação, presentearam-nos com preciosas listas de bibliografia e indicações de leituras paralelas. Nos anos seguintes as coisas melhoraram substancialmente, a começar pelos trabalhos de campo de arqueologia, quando conheci o sítio da Santa Fé primitiva, e pelas

pesquisas no museu de etnologia, criado para conservar as peças coletadas nas escavações e os documentos relativos à fundação e à história da cidade.

Houve também os cursos de história de Santa Fé e da Argentina, ministrados por especialistas que ensinaram-nos a reler a história oficial à luz dos documentos originais, e a verificar o verdadeiro caráter das relações entre as cidades do interior e as autoridades do então vice-reinado e, a partir de 1810, os governantes das Províncias Unidas do Rio da Prata sediadas em Buenos Aires. .

O curso finalizou em 1957; no ano seguinte, comecei a lecionar no colégio onde finalizara o normal: geografia física no noturno e história da cultura argentina no diurno. Voltei aos manuais da universidade e novos livros foram acrescentados à minha coleção de geografia física, enquanto as possibilidades de dedicar-me à história em tempo integral tornavam-se cada dia mais remotas. Foi assim que, em 1961, prestei concurso para um cargo de professor efetivo de geografia numa escola normal modelo recém criada pelo governo de Santa Fé.

Para minha surpresa, tirei o primeiro lugar e fiquei responsável pelas quatro turmas do primeiro ano, que acompanhei durante os três anos do então chamado "ciclo básico" para, em 1964, recomeçar com as turmas iniciantes nesse ano. Por coincidência, em 1961 foram editadas na Argentina traduções de livros didáticos franceses, cuja apresentação e conteúdo atraíram-me de imediato. Além de sugestões interessantes para trabalhos práticos e exercícios de avaliação, os livros traziam

informações e pontos de vista, novos para mim, sobre geologia e geografia física geral e regional.

O trabalho era agradável e o ambiente estimulante; havia possibilidades de trabalhar em forma conjunta graças ao desenvolvimento de projetos interdisciplinares que reuniam geografia, história, castelhano e artes plásticas. Foi criada uma revista, da qual participavam professores e alunos, e nela publiquei poemas e textos didáticos e de divulgação.

Pese a todas as novidades e ao contacto cotidiano com colegas de bom nível intelectual e cultural, comecei a sentir falta do ambiente universitário. Voltei então ao instituto à procura de meus professores e de sugestões para continuar os estudos de geografia física. Foi convidada a acompanhar o curso dessa especialidade, ministrado então por meu antigo professor de geografia humana e de biogeografia, na qualidade de assistente.

Acompanhei o curso e realizei minha primeira pesquisa bibliográfica, cujo tema era analisar e comparar as classificações climáticas aplicadas na Argentina, com base nos textos de Thornthwaite e de Papadakis. Este autor considerava, à parte os parâmetros climáticos, as condições adequadas ao cultivo de cereais e de diferentes cultivos industriais. Fiz também minha primeira tradução de um texto científico inglês, cujo autor, se não me engano, era Sparks.

Depois de aprovada como assistente, fiquei responsável pela disciplina durante um semestre, fazendo assim minha estréia no ensino

universitário. Na mesma época escrevi para a embaixada da França em Buenos Aires solicitando informações sobre os cursos de geografia física naquele país. Como resposta, recebi uma longa lista com nomes de professores, seus endereços e respectivas especialidades. Dois nomes chamaram minha atenção: Derruau, cujo manual em francês fazia parte de minha biblioteca e consultava com frequência, e Tricart, por estar à frente de um instituto de geografia e de um centro de geografia aplicada, especialidade esta cuja existência e potencialidade havia descoberto pouco tempo antes no livro precursor de Dudley Stamp.

Escrevi aos dois professores franceses e ambos responderam rapidamente e com extrema gentileza. A correspondência com Clermont-Ferrand não teve continuidade porque as atividades e os cursos oferecidos não respondiam a meus interesses, mas a possibilidade de estudar em Estrasburgo entrou na lista de opções futuras.

Pela correspondência trocada com o professor Tricart, soube de suas viagens pela América do Sul e do interesse que tinha em conhecer meu país e em trabalhar lá. Acredito que a perspectiva de realizar seu projeto pessoal pode ter motivado o interesse com que foi acolhida, de início, minha solicitação de informações e, mais tarde, o empenho com que justificou, perante a embaixada francesa em Buenos Aires, a concessão de uma bolsa de estudos.

Antes de partir para a França, entretanto, houve uma escala na Patagônia, onde trabalhei entre agosto de 1966 e junho de 1967.

Consegui afastamento da escola normal, que incentivava o aperfeiçoamento de seus docentes, para ser, pela primeira vez, professora de geomorfologia num curso universitário criado pela Universidade Nacional do Sul em Trelew, antiga colônia de galeses no norte da Patagônia.

E lá fui eu com Thornbury e Derruau na mala falar, entre outras coisas, do modelo davisiano que, achei, pouco sentido fazia diante das paisagens patagônicas. Meu assistente era um geólogo que exercia funções numa secretaria técnica da província do Chubut, com larga experiência de campo e que estava interessado em ampliar seus conhecimentos de geomorfologia. O resultado dessa colaboração se materializou em várias excursões realizadas no final do semestre, aproveitando as temperaturas mais amenas e a diminuição da intensidade dos ventos.

Meu contrato previa também a responsabilidade pelo curso de história da ciência geográfica e tive o prazer de retornar a meus livros de história e aos clássicos da geografia. Como havia, ainda, horas vagas em meu horário, fui também assistente do curso de geografia econômica. Para amenizar o trabalho didático, e a convite da professora de literatura argentina, dediquei-me a escrever alguns programas para o espaço cultural que o instituto patrocinava na rádio de Esquel, assumindo mais tarde a co-direção das atividades.

A correspondência com Estrasburgo continuou, a bolsa foi concedida e minha experiência patagônica finalizou. Retornei a Santa

Fé em julho, retomei em agosto as aulas na escola normal e fiz um curso intensivo de conversação em francês antes de ensaiar minha primeira experiência européia, que começou em novembro de 1967.



### III - FRANÇA

Cheguei a Estrasburgo com chuva e frio, numa sexta-feira. Na segunda-feira seguinte apresentei-me no *Centre de Géographie Appliquée*, nos barracões da *rue Goethe*, onde conheci os alunos franceses e os bolsistas estrangeiros. Fui convocada para a entrevista com Tricart, de quem recebi instruções sobre os cursos e estágios que deveria realizar e os seminários de que deveria participar. Soube também que não haveria orientação formal fora das aulas e dos estágios, e que o único contacto certo com meu orientador teria lugar na última semana de cada mês, quando era assinado o relatório mensal para a ASTEF, instituição que tinha concedido a bolsa.

Logo começou a rotina de cursos, acompanhada pela preocupação constante em ser pontual e não esquecer das muitas regras, escritas ou não, que regiam as atividades, tanto na universidade quanto no instituto. Contudo, a qualidade de cursos e estágios compensava as dificuldades inerentes à rotina de todo recém-chegado a um país estrangeiro e ao ambiente universitário francês antes de 1968. Para atualizar conceitos e reforçar conhecimentos básicos acompanhei o curso de geografia física geral na graduação, e os cursos de biogeografia e climatologia na pós-graduação, além do curso de geomorfologia tropical que nesse ano voltava a ser ministrado por Tricart.

Além dos cursos, os seminários semanais giravam em torno de temas específicos, em geral vinculados a projetos de pesquisa em andamento ou a atividades realizadas pelo *Centre* a convite de

instituições públicas. Nesses seminários conheci as bases teóricas da cartografia geomorfológica e assisti às aulas de vários especialistas, além daquelas ministradas por Tricart. Um seminário sobre domínios morfoclimáticos periglaciais esteve a cargo do professor Jan Dylík, e André Cailleux apresentou resultados de pesquisas sobre aplicação de métodos estatísticos em geomorfologia.

Dentre as atividades de que participei, destacam-se duas: a primeira foi o estágio de campo de cartografia geomorfológica, nos pré-Alpes franceses, durante a semana da Páscoa, e a segunda, a participação nos trabalhos que subsidiaram o diagnóstico prévio ao planejamento da expansão urbana de Estrasburgo, encomendado pela prefeitura da cidade ao *Centre de Géographie Appliquée*. O estágio de campo foi, provavelmente, a etapa mais importante e produtiva de meu estágio na França, tanto pela experiência de trabalho quanto pela oportunidade de estudar o relevo do sudeste da França ou, ainda, ter recebido orientação pessoal de Tricart durante um dia inteiro de trabalho.

O segundo semestre do estágio estava finalizando e tinha quase certeza de que minha bolsa seria renovada, já que minhas tarefas receberam boas avaliações, e minha participação nos seminários e trabalhos coletivos não era das piores. Enquanto criava coragem para agendar entrevista com o professor Tricart e conversar sobre a prorrogação da bolsa, os acontecimentos prévios à revolução de 1968 encarregaram-se de mudar meus projetos. No momento em que os

estudantes começaram sua movimentação, Tricart passou a ser alvo dos protestos e reclamações dos universitários em reuniões e assembléias, e praticamente desapareceu do instituto. Eu sentia-me praticamente sitiada, já que, em minha condição de estrangeira, não era aconselhável participar das assembléias ou freqüentar abertamente o instituto. Por outro lado, o prazo para devolver o pedido de renovação da bolsa estava expirando, e não sabia o que fazer para conseguir a assinatura de meu orientador em tempo hábil.

A espera durou até o dia em que os alunos do *patron* fomos convidados à defesa de mestrado de uma colega. Finalizada a sessão, juntei coragem e perguntei sobre minha bolsa (e meu futuro); a resposta deixou-me mais assustada do que já estava: meu pedido de renovação não seria assinado. O professor Tricart tinha sido convidado, por uma instituição argentina, a participar do projeto de cartografia dos solos loéssicos do Pampa deprimido, e eu deveria regressar à Argentina imediatamente para participar das pesquisas.

A razão? Tricart havia decidido, sem consultar-me, que os materiais coletados em Argentina seriam adequados para comparação com os *loess* da Alsácia, e que a responsável pelos resultados seria eu, mediante a execução de uma dissertação de mestrado, a ser elaborada em Estrasburgo em período não determinado.

Em meio à movimentação política e à confusão reinante na universidade, cancelei o último mês de bolsa (que havia sido renovada automaticamente), juntei meus livros, solicitei o bilhete de avião para

regresso e comecei a perguntar-me sobre o futuro, que tinha sido mudado contra a minha vontade.

Cheguei no início de julho de 1968. Encontrei lá minha família, que custou a entender o motivo da volta repentina e a necessidade de permanecer em Buenos Aires, trabalhando com Tricart no Instituto Nacional de Tecnología Agropecuária.

Pese a saber, de antemão, que não seria fácil realizar o projeto de pesquisa imaginado por Tricart, freqüentei regularmente as reuniões de trabalho e participei das atividades do laboratório de fotointerpretação. Fazia também, informalmente, o papel de intérprete entre Tricart e os técnicos argentinos, em particular quando tratava - se de verter o vocabulário geomorfológico francês para os agrônomos argentinos. Ao mesmo tempo, notei que meus conterrâneos guardavam distância em relação a meu, até então, orientador, e não estavam nem um pouco interessados em minha participação nos trabalhos que ocorreriam após seu regresso à França.

Foi então que Tricart deu-se conta da impossibilidade de levar adiante os planos que tinha elaborado para meu eventual regresso a Estrasburgo, e do equívoco que havia cometido ao interromper meu estágio e negar-se a referendar a renovação de minha bolsa. Pouco restava a fazer, fora participar dos trabalhos de campo no interior da província de Buenos Aires e regressar a Santa Fé.

Antes de voltar à minha cidade aproveitei as horas livres para procurar emprego em Buenos Aires; bati em todas as portas possíveis e

acessíveis, explicando qual era minha especialidade, as tarefas que poderia executar e os benefícios que delas resultariam. Todos escutaram meus argumentos sem entender direito do que se tratava e respondendo invariavelmente com uma negativa gentil

Sem mais tempo disponível, e quase sem dinheiro, voltei, depois de um mês, a Santa Fé. Fiz o possível por disfarçar minha decepção e retomei as aulas na escola normal modelo; confesso que não foi fácil, depois do estágio na França, procurar bibliografia para dar aulas de geografia política e econômica da Argentina.

Procurei então amigos de Santa Fé que conhecia na França e trabalhavam agora no Instituto de Limnologia para, pelo menos, conversar sobre temas científicos. Mostraram-se interessados pela possibilidade de aproveitar minha experiência nos trabalhos de fotointerpretação e num projeto de cartografia geomorfológica das margens fluviais ao longo do rio Santa Fé, chegando a solicitar uma bolsa do governo federal para oficializar minha participação no projeto.

Enquanto esperava resposta ao pedido de bolsa, soube de uma notícia divulgada pela embaixada brasileira em Buenos Aires, segundo a qual o Itamaraty oferecia bolsas de pós-graduação no Brasil para graduados da América Latina. Lembrando dos amigos brasileiros que tinha deixado na França, em particular de uma geógrafa que, repetidamente, mencionava o professor Ab´Sáber, escrevi à embaixada solicitando informações.

Encontrei entre meus papéis o endereço do Instituto de Geografia e, sem pensar duas vezes, escrevi ao professor Ab´ Saber. Expliquei quem eu era, e qual era minha experiência em geomorfologia pedindo, ao mesmo tempo, sugestões para elaborar o plano de pesquisa que a embaixada solicitava.

Recebi resposta em poucos dias, que veio acompanhada de uma cópia da carta de recomendação que o professor Ab´ Sáber enviara ao Ministério de Relações Exteriores. Preenchi os formulários que a embaixada enviara, anexei o plano e uma carta encaminhando o pedido. A resposta chegou a Santa Fé em meados de maio de 1969; os preparativos começaram com algumas aulas de português, que serviram para provar que as muitas conversas ouvidas em Estrasburgo haviam treinado meu ouvido de forma adequada.

Passei a preparar-me para a retomada de meus estudos com entusiasmo; meus livros de geomorfologia saíram da escuridão e tornei a pensar num futuro onde a pesquisa fosse a regra e não a exceção, ainda que fosse somente por um semestre.

#### **IV - BRASIL**

Cheguei a São Paulo no começo de agosto de 1969. Junto com um colega mexicano, historiador, e bolsista do CNPq como eu, fomos até o prédio da administração da faculdade, onde o professor Eurípedes Simões de Paula recebeu-nos de imediato. Depois das apresentações e esclarecimentos iniciais, o professor foi conosco até o prédio para apresentar-nos aos futuros colegas. Eu fui diretamente à diretoria do antigo Instituto de Geografia, onde o professor Ab'Sáber despachava e, guiada por ele, fiz minha primeira visita aos laboratórios.

Tal como acontecera em Estrasburgo, logo soube de meus horários de aulas, os locais onde realizaria minhas tarefas e participaria de seminários. O laboratório de geomorfologia ficava então onde hoje funciona o laboratório de informática, no final do mesmo corredor onde trabalho há mais de trinta anos.

Nos intervalos entre aulas, reuniões e colóquios dediquei-me à pesquisa bibliográfica. Pouco depois comecei a trabalhar no Laboratório de Aerofoto, freqüentado por todos os pós-graduandos. Conheci o vale do Paraíba em novembro de 1969, durante duas excursões com meu orientador e, a partir dali, comecei a rotina de campo, laboratório e gabinete que culminou com a tese de doutoramento em 1974 e encerra-se, por enquanto, com o concurso para a livre-docência.

No tempo transcorrido entre essas duas datas, fui contratada para lecionar geomorfologia climática, dediquei-me às aulas de graduação e pós-graduação, à orientação de alunos, à pesquisa e às

atividades burocráticas inerentes. Representei o departamento em diversas ocasiões e lugares, e fiz parte de conselhos e comissões do departamento, da faculdade e da reitoria da universidade.

Participei de congressos no Brasil e no exterior, várias vezes como convidada ou como representante do país em conclaves internacionais. Nessas reuniões apresentei trabalhos e atualizei meus conhecimentos, trazendo sempre de volta muito mais do que levei; conheci mestres nas diversas áreas das ciências da Terra, fiz amizades duradouras e encontrei sempre respeito e ouvidos atentos.

Fiz, e faço, parte de sociedades científicas no Brasil e no exterior, como associada ou como integrante do grupo de fundadores; igualmente, fiz (e continuo fazendo) parte de grupos e projetos de pesquisa porque acredito no trabalho integrado e na necessidade de aperfeiçoar-nos continuamente como pessoas e como profissionais. Só assim será possível dar continuidade à tarefa de gerar conhecimento, formar profissionais íntegros e contribuir para o aperfeiçoamento da sociedade em que vivemos.



## V – O FUTURO

A coincidência: uma idéia introdutória para o memorial e a entrevista de Augusto de Campos na rádio Cultura, lá nos idos de 1999.

Coincidência? Augusto de Campos lembra de Luigi Nono<sup>1</sup>: ouvir as pedras brancas e vermelhas de Veneza. Dele próprio, Augusto, Pós - tudo.

Pedras de Veneza do artista.

Pedras anônimas que beiram a estrada de quem pesquisa.

Anônimas?

Talvez seja esse nosso ofício, afinar o ouvido e recompor fragmentos de um poema inacabado ainda, depois de bilhões de anos. Escrever textos como versos, que completem vazios ou iluminem cantos para ajudar futuros andarilhos.

Ouvir as pedras e suas histórias, saber o nome com que se identificam quando, à noite, murmuram sob o céu profundo na vastidão do Tempo. Dele, elas sabem melhor e mais que nós outros, que olhamos de fora e sabemos nada. Para elas não existem pontos cardeais, limites ou peneiras, intervalos de classe, tabelas de cores ou escala de Wentworth, teorias ou datações. Artifícios todos, modos de fazer inteligível a variedade e diversidade que tantas vezes (sempre?) escapam aos limites de nossas leituras e aproximações. Se

---

<sup>1</sup>Compositor italiano (1924-1990), um dos primeiros seguidores de Anton Webern.

as pedras falassem, o que nos diriam, com que som ou ritmo, tão longe o princípio e o fim tão distante?

Pedras:

suas formas, tamanho, história, cores, origem, do interior da Terra às dunas e praias, dos rios de pedra aos lençóis de cascalho, geleiras de rocha, *hammadas*, depósitos de tálus, avalanches, matacões, silte, *loess*, argila, *stone-lines*, seixos, *nappes de gravats*, lateritas, *estran*, cones de dejeção, *shingles*, geleiras, *tors*, pedimentos, *conglomerats*, fragmentos de rocha, *sols striés*, lama, deltas, *patterned soils*, granitos, gargantas, *cascajos*, folhelhos, *arcosas*, vertentes, *vases*, morainas, *Erdrinde*, couraças, *dripstones*, caulinita, *rock-bottoms*, domos, *alluvial cover*, escarpas, *Schuttcones*, sílica, *rañas*, inselbergues, solos, *rock pavements*, mares de morros, *bajadas*, falésias, mediterrâneos, *badlands*, índicos, outeiros, cantábricos, planícies gravadas, *quebradas*, barcanas, basaltos, outeiros, baixadas...

Pedras e água, e vento, e gelo, mais plantas, animais e homens.

E Tempo. Muito.

Os lugares e seus tempos diversos na cronologia e no andamento, aquilo que em música chamamos de *tempo*. E aquilo que os lugares nos viram (deixaram?) viver,

idades, paisagens,

cada um andando a seu tempo no Tempo.

Quanto tempo ainda para realizar pelo menos um dos tantos sonhos protelados?

Qual deles escolher? Com o GPS ou com o coração?

Quando a gente se encontrar de novo, eu conto.

## VI - PÓS-FACIO

Ouvi o nome Olduvai pela primeira vez em agosto de 1982, num barulhento elevador de madeira da Universidade Lomonosova, em Moscou. No congresso dos 50 anos da INQUA, a primeira incursão em reuniões internacionais, o nome veio junto com a menção ao registro do evento paleomagnético que baliza – entre outros – o início do Pleistoceno. Lembro de ter olhado para Rosely Dias Ferreira, partilhando a cumplicidade da descoberta paralela.

Junto com o nome, ficou a vibração dos congressistas – ilustres desconhecidos que pouco depois identificaria sem dificuldade – falando como se a África fosse o quintal da própria casa e um tesouro magnífico estivesse sempre ao alcance da mão e dos olhos. Senti neles, no diálogo rápido que acompanhei entre dois andares – conversa sincopada de crianças com brinquedo novo para inaugurar, uma vibração não desconhecida para mim, mas que nunca havia percebido tão próxima ou com tanta intensidade.

África, Olduvai, a garganta na Grande Fenda, o gigantesco *rift* que atravessa – ramificando-se – terra e mar, que divide terras, climas, animais e plantas, paraíso de cientistas da Terra e do homem. Confesso que senti uma ponta de inveja daqueles que – imaginei – nasceram fadados a ficar ilhados do mundo durante meses, confinados no espaço mas, quem sabe, por isso mesmo presenteados com a possibilidade de vasculhar as incógnitas fundamentais da história do planeta.

Na hora veio a lembrança de São Paulo: vale do Paraíba, bacia de Taubaté, a margem atlântica passiva onde um hemi - *graben* preserva parte das evidências da história pós - Gondwana do escudo brasileiro; aqui, onde o ambiente tropical úmido transforma rochas maciças em argilas e latossolos, a oxidação consome os remanescentes de vegetações pretéritas, e os muito baixos teores de ferro das rochas sedimentares restringem as possibilidades de estabelecer cronologias baseadas no paleomagnetismo. Do ponto de vista arqueológico, os achados têm sido modestos e, considerando a extensão e a intensidade da urbanização, pouco ou nada restou da ocupação pré-histórica na área. A ocupação intensa e extensiva avançou rapidamente no extremo sudoeste da bacia, em particular em torno de São José dos Campos, onde foram realizadas as pesquisas que conduziram à elaboração da tese.

Hoje, a maioria dos afloramentos, perfis de vertentes e de solos, a base de dados reais, enfim, que sustentou hipóteses de trabalho e forneceu dados preciosos para uma proposta nova sobre a evolução da área, está desfigurada ou foi destruída. Se dos trabalhos realizados até 1993 apenas restam evidências isoladas ou fragmentadas, o que dizer dos documentos geomorfológicos que ajudaram a desbravar o caminho, em particular a trilha estreita e sempre morro acima do começo em Guaratinguetá.

Não há, pese ao tempo transcorrido, lugar para satisfação ou conformismo. As paisagens continuam falando sua língua, estrangeira

mas não estranha, e as perguntas mudaram de tom e de alcance mas continuam, cada vez mais numerosas.

As pequenas frestas que encontrei foram exploradas até o cansaço mas entrevi somente fragmentos de evidências. Com base neles e com grande cuidado formulei hipóteses e arrisquei respostas como quem, ao sacudir um caleidoscópio, atribui sentido às formas e cores que vê no fundo do tubo escuro. Ou, quem sabe, como quem imagina a vida por trás das sombras nas paredes de uma caverna.

São Paulo, junho de 2001 – agosto de 2003